

CIDADE E MEMÓRIA: SÃO JOÃO DO RIO DO PEIXE E O ESQUECIMENTO DO PE. SÁ

Patrícia Macário Gomes

Resumo: No ano de 1898 chega a São João do Rio do Peixe, para assumir a igreja Nossa Senhora do Rosário até 1928, o Pe. Joaquim Cirilo de Sá que além de sacerdote, tornou-se líder político durante 28 anos, trazendo para a localidade grandes obras importantes para o desenvolvimento como a: RVC (Rede Viação Cearense), a aprovação para o açude de pilões. Revendo as produções historiográficas do município onde trata o Pe. Como o maior benfeitor do município e vendo atualmente, na realidade a memória do padre como esquecida em torno da cidade. Pretendo analisar as contribuições do padre para o município; Seria então a modernização da cidade que levou ao seu esquecimento? Em que a cidade contribuiu e descontribuiu para que essa imagem fosse apagada?

Palavras-chaves: CIDADE, MEMÓRIA E ESQUECIMENTO

1. Introdução

Este trabalho é uma proposta de pesquisa para elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso e trata-se da relação entre cidade, memória e esquecimento, ou seja, como a memória de uma pessoa considerada importante para a cidade, tornou-se, sobretudo esquecimento. Também deverá constitui-se como uma contribuição historiográfica local-regional.

A cidade de São João do Rio do Peixe está situada no oeste do sertão paraibano, na microrregião de cajazeiras. Nasceu às margens do Rio do Peixe a partir da Fazenda São João, que era do Capitão mor João Dantas Rothéa. Este que doou um terreno a seu cunhado o Padre Ignácio José da Cunha, para construir uma capela em invocação de Nossa Senhora do Rosário. Partindo desse templo, foram surgindo povoações aos seus arredores, tornou-se distrito, e depois vila, mas somente em 1881 que seu território se desmembrou de Sousa, e instalou-se como município.

A memória a ser estudada, no entanto é a do Padre Joaquim Cirilo de Sá (Pe. Sá), que no ano de 1898 chega à cidade, recém-ordenado. Natural de Barra de Juá hoje município de Triunfo- PB. Além de sacerdote, tornou-se líder político durante 28 anos. Era um grande aliado e amigo pessoal do Dr. Epitácio Pessoa (Presidente da República entre 1919 – 1922). Durante seu período na política realizou obras importantes para o município. Faleceu em 1941 com 72 anos de idade em consequência de uma congestão cerebral, e foi sepultado na igreja do Rosário ao pé do altar.

Dentre as obras realizadas para o município, vale destacar as de grande valor, tanto para o desenvolvimento sócio-econômico, quanto cultural do município: a aprovação dos estudos para a construção do açude de Pilões; as pesquisas nas fontes termiais de Brejo das

Freiras; a construção da estrada de ferro para o oeste paraibano ; extensão da Rede Viação Cearense(RVC), passando pela localidade; idealizador e fundador da Ordem Franciscana e da construção da capela de São Francisco, em 1940.

Após a análise da história da cidade, a partir das produções históricas municipais, o que instigou-me foi que apesar de suas contribuições “valiosas”¹, a memória desse homem público caiu em esquecimento. A cidade não o lembra, e as vezes quando recorda, não sabe qual é sua importância.

Em seu livro titulado “São João do Rio do Peixe , nossa terra, nossa história” Edilson Tomaz de Sousa (2007) fala que “O Padre Sá tornou-se uma memória esquecida, e não teve a glória, pelo seu valor e serviços prestados á nossa querida São João do Rio do Peixe” (SOUSA,2007: 96-97). Já Severino Fernandes Guerra (1986)em sua obra “Navarrenses Ilustres” fala sobre sua história de vida e ao final faz o seguinte comentário”Foi sepultado na Igreja do Rosário, ao pé do altar, última homenagem de seus paroquianos, ao grande cura e líder máximo de sua terra”.(GUERRA,1986: 164).

Com o objetivo de analisar as razões desse esquecimento, como a cidade a partir dessa modernização apaga essa memória do padre, e o que a cidade contribuiu e desconstruiu para que essa imagem fosse esquecida, realizarei minha proposta de pesquisa utilizando autores que trabalham com História, Memória e Esquecimento como Le Goff, Halbwachas, Edgar de Decca, Márcio Seligmann, Fernando Catroga entre outros.

Utilizarei instrumentos metodológicos que possibilite a coleta de dados e documentação necessária para a pesquisa. Visando fontes como documentos oficiais, registros paróquiais, fontes escritas e história oral, ou seja, um método que se adapte melhor a meu trabalho.

O uso da história oral será necessário para fazer a ligação entre os temas apresentados lembrando que meu trabalho é não retirar do esquecimento, mas sim como ele caiu.

Contando com entrevistas de pessoas que viveram nesse período ou mesmo histórias contadas pelos seus antecedentes, compararei e até mesmo debatarei com autores que abordam o mesmo assunto de forma diferente. Com ajuda de análises de artigos como o de Michael Pollak “Memória e Identidade Social” que trata da ligação entre memória e identidade social baseados mais nas histórias de vida, ou seja, na chamada história oral. Onde ele nos mostra que muitas das vezes o que a oralidade nos passa são apenas projeções ou

¹ [palavra utilizada por Severino Fernandes Guerra em sua obra “Navarrenses Ilustres” de 1986. Ver referências no final]

transferências de heranças culturais:”O que ocorre nesses casos são portanto transferências, projeções... Uma transferência por herança, por assim dizer.”(POLLAK,1992:3)

2. Desenvolvimento

Durante 28 anos o Pe. Sá, conseguiu realizações notáveis para São João do Rio do Peixe, no entanto sendo como um dos personagens mais importante da história do município que tinha tudo para se tornar memória, mas caiu no esquecimento local-regional.

Diante dos problemas apresentados pela população ao Pe. O mesmo tentava ajudá-los fazendo a sua parte, buscando soluções que mais se adequasse. Segundo SOUSA (2007) o padre era:

conhecedor profundo dos problemas que assolavam a região, dividiu, entre o sacerdócio e a política o seu poder de condutor do povo. Era um grande aliado dos políticos, em especial, do Dr. Epitácio Pessoa, o que lhe rendia forte liderança no alto sertão paraibano, em especial no Rio do Peixe. (SOUSA,2007: 158)

A história da cidade é marcada pela participação e contribuições do Pe. Sá, mas no entanto na realidade, não se faz lembrar do maio benfeitor do município.

2.1 As contribuições e a relação entre memória e esquecimento

De acordo com Rosilda Cartaxo² o Pe. Sá pede em carta aberta publicada no jornal da UNIÃO de, 04/ 09/1915 a construção do açude de Pilões junto ao Presidente da República na época Epitácio Pessoa. Atendendo ao pedido do padre, o governo autoriza o início das obras, ficando o açude com capacidade de 350 milhões de m³ de água, mas devido ao fato das fontes termais de Brejo das Freiras, precisava de um estudo detalhado, pois havia suspeita de que seriam lama e águas medicinais. A construção foi paralisada.

Após constatação, seguindo de exames profundos das águas, que justificavam o salvamento das fontes, reduz-se a capacidade do açude para 13 milhões de m³. As obras foram reiniciadas em 1932 e concluídas em 1933, contando em sua inauguração com autoridades como Getúlio Vargas, então, Presidente da República no momento.

No ano de 1922, após diversas lutas políticas, o Pe. Sá consegue para São João do Rio do Peixe a estrada de ferro que ligava até Lavras no Ceará. Sua estação ferroviária conhecida como RVC é somente inaugurada em 1925.

² [Historiadora natural de Cajazeiras, mas se considerava são joanense escreveu vários livros sobre São João do Rio do Peixe]

Diante de tantas outras contribuições de mérito, que foram realizadas a favor do desenvolvimento do município, a sociedade não lembra mais, ou por vezes oculta-o e deixa-o de evocá-lo para acontecer um reavivamento da memória.

A memória de início parece ser extremamente individual, mas segundo Halbwachs ela deve ser entendida como um fenômeno coletivo, social e seletiva, construído constantemente, e que deseja ser lembrado os fatos que mais lhe marcam. Halbwachs diz que:

Haverá então memórias individuais e, se quisermos, memórias coletivas. Em outros termos, o indivíduo participaria de duas espécies de memórias.[...] ele seria capaz, em alguns momentos, de se comportar simplesmente como membro de um grupo que contribui para evocar e manter as lembranças impessoais, na medida em que estas interessam ao grupo. (HALBAWACHS,2006: 53)

Edgar de Decca na sua obra “1930 O silêncio dos Vencidos” mostra como a revolução de 1930 caiu no esquecimento, mostrando assim somente uma parte da história, que foi colocada com a luta de classes girando em torno de sentido, de recuperação e ocultamento apresentado. Da mesma forma que o mesmo conseguiu identificar e analisar suas fontes até chegar a conclusão do seu objetivo, também farei o mesmo, fundamentando assim minhas idéias e concluindo a minha pesquisa.

Porém é como uma história de vida individual ou de um grupo, estivesse sendo contada e somente seriam destacados e lembrados os fatos mais importantes para o indivíduo. Na história de São João do Rio do Peixe sendo relatada por muitos sajoanoense, não é diferente, mas o que instiga é o fato de não ser selecionada na sequência cronológica da participação do Pe. Sá na memória da população.

Realmente ocorre a seleção de fatos marcantes da sociedade para ser contada, ou para serem evocadas e manter essas lembranças na medida em que interessam ao grupo. A memória coletiva é passada de geração para geração, fatos que muitas vezes não vivemos mas que conhecemos a partir de livros, jornais, depoimentos de pessoas que viveram naquele determinado tempo como fala Halbwachs(2006):

Quando eu os evoco, sou obrigada a confiar inteiramente na memória dos outros, que não vem aqui completar ou fortalecer a minha, mas que é a única fonte daquilo que eu quero repetir. [...] Mas carrego uma memória que não é minha é emprestada. (HALBAWACHS,2006:54)

O Esquecimento Do Pe. Sá vem sendo repassado há anos, existe somente um busto na capela de São Francisco e uma rua em seu nome, essas foram as grandiosas homenagens que foram prestadas ao grande líder do município.

2.2 Modernização da cidade

Considerando o fato de que em certo momento da história municipal, se fez desejar uma homenagem ao Padre, em início da década de 60 na rua Tabelião José Cândido Dantas, com robustas e copadas árvores e um coreto, entre 1969 e 1973 sofreu reformas e demolições e construções, no ano de 1986 na gestão Dr. José Fernandes Dantas, autorizou o alvará de construção para o Banco do Brasil, e destruição da praça.

Já que havia a derrubada, a praça ganha outra localidade, desta na rua Líbio Brasileiro, só que em 1998, mais uma vez Dr. José Nilton autorizou a nova derrubada para a construção de um bar e “afrontou mais uma vez a memória do ilustre filho de São João”(SOUSA,2007:149).

Devido a tanta indiferença, a família se revolta, e recolhe o busto. Em 2005 após a construção de um novo busto pedida pelo Dr. Edilson de Sá teve a benção do novo Padre José Elias de Sá, recém-ordenado, sobrinho-bisneto do Pe. Sá, e o coloca no jardim da capela de São Francisco.

No entanto, a partir da necessidade de modernização da cidade, os monumentos ou homenagens prestadas ao padre foram sendo apagadas pela população, pelo poder político, e até mesmo da própria igreja católica, uma vez que vende o terreno da rua Tabelião José Cândido Dantas para EPCE(Empresa de projetos e Construções e Empreendimento LTDA), para prédio comercial.

A sociedade só recorda de um fato se ele estiver em ritos, sempre revividos mesmo que sejam anualmente como Fernando Catroga diz que “ Os ritos param o tempo,afim de se fazer revive, simbolicamente, o que já passou”.(CATROGA,2001: 55).

3. Considerações finais

Partindo dessa análise, sobre a cidade de São João do Rio do Peixe e a participação do padre Joaquim Cirilo de Sá na vida pública e no desenvolvimento do município, e da tentativa ainda não concluída de compreender como a memória do padre foi esquecida ou ocultada, da sequência cronológica, selecionada pela população, da história municipal.

Portanto não se vê preocupações de governantes, igreja e população em preservar a memória de um homem público que os ajudou. Nem tampouco contribuíram para um reavivamento para retirar do esquecimento esta memória. Le Goff fala sobre a memória coletiva:

A memória onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado, para servir o futuro. Devemos trabalhar de forma que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens. (LE GOFF,1994:477)

Em suma essa pesquisa esta apenas se iniciando, buscando novas interpretações e entendimentos, ao desenrolar da graduação dessa presente aluna e se consta aberto para futuras conclusões e discussões.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CARTAXO, Rosilda. **Estradas das Boiadas**. João Pessoa, 1975.
- CARTAXO, Rosilda. **O sacristão**. Cajazeiras, Gráfica Pontual, 2005.
- DECCA, Edgar de. **1930 o silêncio do vencidos**. 6ªed.Ed. Brasiliense, São Paulo. 1984
- DOSSIÊ DE AMBIÊNCIA, registrado, com Direitos autorais no CONFEA, sob N: 488 em 31/07 1991, publicado no DOU em 05/08/1991 e amparado pela Lei N:5.988 de 14/12/ 1973. Paraíba: Campina Grande, Junho de 2004.
- GUERRA, Severino Fernandes. **Navarrenses Ilustres**. Fortaleza, IOCE, 1986.
- HALBWACHS, Maurice. **Memória individual e memória coletiva**. In.: **A memória coletiva** . 1ª ed. tradução: Beatriz Sindou, São Paulo: centauro, 2006
- LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Ed. UNICAMP, 1994, p. 419-476
- POLLAK, Mickael. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol.5, n.10, 1992, p. 200-212.
- ROUSSO, Henry. “**A memória não é mais o que era**”. AMADO, Janaína & FERREIRA, Marieta. (Coords.). In: **Usos e abusos de história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1998, p. 93-101.
- SOUSA, Edilson Tomaz de. **São João do Rio do Peixe, nossa terra, nossa história**. Cajazeiras, Gráfica e Fitolito Ideal. 2007.

Fonte do Artigo: <http://www.soartigos.com/artigo/8762/memoria-e-historia-oral/>